

O CORPO QUE É SOM: TATUAGENS DE ONDAS SONORAS PELO OLHAR DA ANÁLISE DE DISCURSO

5

THE BODY THAT IS SOUND: SOUNDWAVE TATTOOS THROUGH THE DISCOURSE ANALYSIS

VINHAS, LUCIANA IOST

DOCTORA EM LETRAS PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

DOCENTE DO PPG LETRAS DA UFPel

E-MAIL: LUCIANAVINHAS@GMAIL.COM

ORCID ID: [HTTPS://ORCID.ORG/0000-0003-1026-2277](https://orcid.org/0000-0003-1026-2277)

RESUMO:

Os estudos desenvolvidos sobre o corpo, através da perspectiva teórico-analítica da Análise de Discurso (AD), têm contribuído com reflexões basilares tanto sobre o processo de constituição dos sentidos quanto sobre o processo de constituição dos sujeitos. O corpo, na constituição da subjetividade, ocupa, a partir da Psicanálise, posição fundamental, por não ser considerado um efeito somente biológico, tampouco somente psicológico. O conceito-limítrofe de pulsão autoriza olhar o corpo como parte da subjetividade, o que tem consequências no funcionamento discursivo ao se considerar que a teoria da subjetividade que sustenta o quadro epistemológico da AD é de natureza psicanalítica. Não se negligencia, na presente proposta de reflexão, o embasamento psicanalítico na concepção do sujeito do discurso e, com base nisso, o trabalho analisa o funcionamento discursivo de tatuagens de ondas sonoras. Trata-se de tatuagens cujo desenho reproduz um som e, com o auxílio de um aplicativo de celular, é possível ouvir o que está tatuado. O artigo articula teórica e analiticamente elementos sobre a concepção de corpo na AD, buscando trabalhar sobre o corpo tatuado. Avança-se na reflexão ao relacionar o corpo tatuado ao som materializado no corpo, cuja escuta se faz através de um dispositivo externo, que acaba por complementar o corpo do sujeito para possibilitar a transformação de imagem em onda sonora. Toda essa complexidade envolvendo a forma como o discurso se materializa atinge a subjetivação, em uma relação de incompletude entre a interpelação ideológica e o recalçamento

inconsciente, chegando-se à noção de real do corpo (LEANDRO-FERREIRA, 2011a).

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Tatuagem; Aplicativo de smartphone; Real do corpo.

ABSTRACT:

The studies developed about the body, through the theoretical-analytical perspective of the Discourse Analysis (AD), have contributed to basic reflections both on the process of constitution of the senses and on the process of constitution of the subjects. The body, in the constitution of the subjectivity, occupies, from Psychoanalysis, a fundamental position, as it is not considered a biological effect, nor only a psychological one. The boundary concept of drive allows viewing the body as part of the subjectivity, which has consequences for the discursive functioning when considering that the theory of subjectivity that supports the epistemological structure of DA is of a psychoanalytic nature. In the present proposal of reflection, the psychoanalytical basis in the conception of the subject of the discourse is not neglected and, based on this, the work analyzes the discursive functioning of soundwave tattoos. These are tattoos whose design reproduces a sound and, with the aid of a cell phone app, it is possible to hear what is tattooed. The article theoretically and analytically articulates elements about the concept of body in the DA, specifically seeking to think about the tattooed body. The reflection is advanced by relating the tattooed body to the materialized sound in the body, whose listening is done through an external device, which ends up complementing the subject's body to enable the transformation of the image into a sound wave. All this complexity involving the way the discourse is materialized reaches subjectivation, in a relationship of incompleteness between the ideological interpellation and the unconscious repression, getting to the notion of real of the body (LEANDRO-FERREIRA, 2011a).

KEYWORDS: Discourse; Tattoo; Smartphone App; Real of the Body.

INTRODUÇÃO

As transformações nas tecnologias possuem diferentes impactos na forma como o sujeito se insere na formação social. O telefone, aparelho criado no final do século XIX, ganha o formato móvel quase cem anos mais tarde, sendo altamente popularizado a partir da primeira década do

século XX. Alguns anos após sua criação, começa-se a permitir o acesso à rede mundial de computadores. A tarefa de realizar chamadas de voz passa a ser secundária, dando lugar para as conversas por aplicativos de mensagens instantâneas e a chamadas de vídeo pelos mesmos aplicativos. A possibilidade de ampliar a utilidade do aparelho, não só usado para a comunicação, mas, também, para registros pessoais (notas, fotos, gravações de vídeo), lazer (jogos, redes sociais online) e trabalho (e-mails, agendas, tabelas), torna o aparelho de telefonia móvel, o celular, um computador portátil, que pode ser facilmente movimentado, apresentando, inclusive, diferentes recursos para a segurança pessoal do seu dono e para o monitoramento da sua saúde. Batimentos cardíacos são regularmente monitorados, bem como número de passos dados no dia, quantidade de calorias consumidas e controle de diabetes. O telefone celular vai se transformando em um dispositivo indispensável, um prolongamento do corpo humano, e, com isso, efeitos são produzidos na forma como o sujeito do século XXI se subjetiva.

Na dimensão afetiva, a relação com o celular possibilita funções surpreendentes. Escutar repetidas vezes o “eu te amo” da pessoa amada, ouvir o balbuciar do filho em seus primeiros meses de existência, ou, quem sabe, ouvir um trecho de uma música que marcou a própria trajetória de vida se faz fácil e acessível através do uso do aparelho. Assim, com o avanço das tecnologias digitais, especialmente aquelas ligadas aos aparelhos de celular inteligentes (os smartphones), é possível acessar vídeos ou gravações de todas essas situações (e de muitas outras) a qualquer momento, desde que se tenha em mãos o dispositivo eletrônico, preferencialmente conectado à rede mundial de computadores. No entanto, nosso olhar se volta para a invenção de um tatuador estadunidense, o qual trouxe a possibilidade de esses sons serem registrados na pele: com a ajuda de um aplicativo de celular, é possível acionar, a partir da imagem tatuada, o som que está disponível no aplicativo. Escutar qualquer som que se deseja passa a fazer parte de um ritual diferente, no qual o som está inscrito na pele de quem o ouve, acionado por um aparelho de celular em cujo sistema há um aplicativo designado para a função de relacionar o som e a imagem.

A relação entre o som que se deseja escutar, a tatuagem (designada como *soundwave tattoo*) e o smartphone inscreve os processos de significação em uma relação que cabe à nossa análise pelo viés discursivo. O questionamento sobre como essa prática interfere no processo de constituição dos sujeitos e dos sentidos passa a ser objeto de nosso

interesse, considerando que essas transformações afetam os sujeitos materialmente em sua relação com a história, com a ideologia, com o inconsciente. Então, considerando que o corpo é objeto de reflexão nos estudos da Análise de Discurso, a proposta de trabalho aqui apresentada traz uma teorização discursiva sobre o fenômeno das tatuagens de ondas sonoras. Nosso objetivo é lançar uma interpretação sobre a relação entre corpo e subjetividade pelo entendimento de que não existe subjetividade (e, portanto, não existe corpo) fora de uma determinação inconsciente e ideológica. Nosso trabalho, a partir da consideração do corpo como forma material e, também, como constitutivo da própria subjetividade, tenta estabelecer relações entre as duas estruturas-funcionamento articuladas no âmbito da Análise de Discurso, o inconsciente e a ideologia, como efeito de uma determinação sócio-histórica afetada pelas diferentes tecnologias contemporâneas, as quais estão inseridas, de modo incontornável, nas relações sociais.

O modo de produção capitalista, determinante de nossa formação social e dos saberes dominantes que nela são reproduzidos, através de sua versão neoliberal como forma de organização econômica e política dominante, encontra novas formas de engendramento e de gestão das subjetividades. Os smartphones, altamente popularizados no sistema capitalista, substituem o celular comum, utilizado somente para fazer ligações e enviar mensagens de textos, e, também, substituem os computadores pessoais (PC), que, até há pouco tempo, era a única forma possível de acessar a rede mundial dos computadores. Atualmente, torna-se cada vez mais raro encontrar pessoas que investem em linhas telefônicas residenciais fixas e em computadores pessoais (notebooks ou desktops), existindo a predominância no investimento em aparelhos de celular: mais fáceis de serem transportados, eles acessam a internet e permitem uma comunicação ampla através dos seus diferentes aplicativos, não sendo restrito à ligação telefônica, e, em geral, fazem as atividades que eram, anteriormente, restritas aos computadores de mesa. O efeito do amplo uso dos telefones celulares se observa na língua: o telefone agora precisa do adjunto adnominal “fixo” para ser compreendido como o telefone residencial, tendo em vista o amplo uso do termo para se fazer referência ao telefone móvel.

Além disso, como já foi mencionado, os celulares ganharam novas funcionalidades, passando a desempenhar um papel de regulação e controle das funções fisiológicas dos indivíduos. Os celulares fazem intervenções nos corpos dos sujeitos, os constituem incontornavelmente;

os sujeitos passam, então, a existir na dependência desse dispositivo externo, tal como um marcapasso introduzido no corpo do paciente, sem o qual a continuidade da vida se torna impossível. A relação forjada imaginariamente entre os smartphones e as subjetividades vai se tornando cada vez mais próxima, dependente, e, com isso, se introduz no corpo humano um anexo que se funde à sua constituição fisiológica e, também, subjetiva. Por meio da tecnologia, é possível dizer que aplicativos e dispositivos digitais interferem nas formas históricas de subjetivação, produzindo efeitos na forma como a reprodução das relações de exploração ocorrem, as quais são dependentes da produção da força de trabalho - uma força de trabalho digitalmente constituída, forjada.

DISCUSSÃO TEÓRICA

Com base nessas considerações, buscamos uma breve teorização sobre o dispositivo, segundo reflexão de Giorgio Agamben produzida com base nos estudos de Michel Foucault. Agamben (2007) menciona que o dispositivo, no pensamento de Foucault, passa a ser empregado pelo autor quando do seu interesse, a partir da década de 1970, pela *governabilidade*, ou pelo *governo dos homens*. Agamben (2005, p. 09-10 [grifo do autor]) resume a questão do dispositivo a partir de três pontos:

- 1) É um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não-linguístico no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos.
- 2) O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder.
- 3) É algo de geral (um *reseau*, uma “rede”) porque inclui em si a episteme, que para Foucault é aquilo que em uma certa sociedade permite distinguir o que é aceito como um enunciado científico daquilo que não é científico.

Foucault apresenta o dispositivo diretamente vinculado à relação dos indivíduos com o elemento histórico (AGAMBEN, 2007), sendo

relacionado à noção por ele desenvolvida de positividade. Assim, com este termo, o autor entende “o conjunto das instituições, dos processos de subjetivação e das regras em que se concretizam as relações de poder”. Para nós, avançando mais na leitura de Agamben, interessa compreender o papel da regulação exercida pelo dispositivo sobre os indivíduos a partir de seu sentido tecnológico, o qual também está presente na abordagem desenvolvida por Foucault.

Assim, desdobrando esse princípio de reflexão sobre o dispositivo para o seu entendimento discursivo, e, portanto, ancorado em uma determinação sócio-histórico-ideológica, com base em Dias (2018, p. 28), entendemos que o digital passa a ser compreendido “para além de uma mera forma de produção de tecnologia, mas como uma condição de produção político-ideológica do discurso, como uma condição e meio de produção e reprodução das formas de existência capitalistas”. Os efeitos produzidos pelo digital na forma como o sujeito se subjetiva são ideologicamente determinados, e essa determinação afeta, também, o afeto, em sua relação com o corpo e com a linguagem.

O celular, enquanto um representante concreto da determinação dos processos históricos e ideológicos, atravessa a constituição subjetiva através de uma nova modalidade de gestão das subjetividades, subjetividades que estão diretamente vinculadas ao funcionamento das novas tecnologias. Essas novas tecnologias, então, articulam discursos, instituições, concepções filosófico-ideológicas no seu mecanismo de trabalho sobre os homens. O processo de interpelação-identificação passa a ser produzido pela operação do smartphone, engendrando um sujeito que significa o mundo a partir de uma posição de classe, ideológica e política determinada pela forma como o discurso circula em aliança com as novas tecnologias de gestão subjetiva. Assim, podemos nos alinhar ao pensamento de Orlandi (2012a), quando a autora traz a questão referente à relação entre o marketing político e uma nova gestão dos sujeitos. Para a autora, no “liberalismo totalitário”, o sujeito contribui ativamente para o seu assujeitamento, e podemos interpretar que o uso dos celulares inteligentes possui um papel importante nesse processo de assujeitamento ao atuar na reprodução daquilo que pode e deve ser dito por uma posição de classe, política e ideológica dominante.

Para Dias (2018, p. 62), os aplicativos instalados nesses celulares inteligentes funcionam como “sistema lógico digitais”. Esses sistemas “são da instância da organização da vida, e que vistos sob essa ótica colocam o sujeito como origem de si, mas que se tomados em sua

instância material, indicam algo em relação ao real”. Os aplicativos podem intervir no efeito de completude e de origem de si que constitui as subjetividades, a partir do esquecimento nº 1 (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] 1997), e esse efeito de completude permite uma autogestão calcada no uso de aplicativos que organizam o que não pode ser organizado, que organizam as dimensões da vida reguladas ideológica e inconscientemente. Os aplicativos, então, possuem o efeito de gestão dos afetos, daquilo que é da ordem do incontrolável, mas, imaginariamente, passa a ser controlável pela produção do efeito de evidência próprio do funcionamento dos aplicativos instalados nos smartphones.

O dispositivo físico do smartphone se torna, então, uma espécie de continuidade do corpo humano, um anexo, e esse funcionamento específico deve ser articulado à teorização sobre o corpo na Análise de Discurso, juntamente com o papel exercido pela tatuagem e pelo som como formas materiais que atuam nesse processo de produção de sentidos (e de sujeitos). Sendo assim, vamos dedicar algum espaço para uma breve abordagem discursiva (e psicanalítica) do corpo e da subjetividade.

Os estudos desenvolvidos sobre o corpo, através da perspectiva teórico-analítica da Análise de Discurso, têm contribuído com reflexões basilares no que concerne ao processo de constituição dos sentidos e, também, sobre o processo de constituição dos sujeitos. Ambos os processos podem ser afetados pela inscrição do corpo, tanto como forma material quanto como elemento constitutivo da subjetividade. Vamos, portanto, apresentar alguns estudos que trabalham com o corpo pelo viés discursivo, começando, rapidamente, pelo trabalho com a concepção de corpo pelo viés da Psicanálise.

O corpo, na constituição da subjetividade, ocupa, a partir do quadro teórico da Psicanálise, posição fundamental, por não ser considerado um efeito somente biológico, tampouco somente psicológico. É com o conceito-limítrofe de pulsão que a Psicanálise passa a compreender a subjetividade como dependente da relação entre o somático e o psíquico, sendo autorizado, então, compreender o corpo como parte da subjetividade. Nesse sentido, considerando o sintoma como elemento responsável pela compreensão dessa relação, ele pode funcionar como uma dimensão do processo de recalçamento, de base inconsciente, e, portanto, vinculado a um sistema significante. O sintoma pode falar como uma conversão, ou seja, como um substituto de algo recalçado no funcionamento inconsciente. O surgimento do sintoma pode ser

compreendido como uma tentativa inconsciente de superar o sofrimento através da simbolização via corpo. É considerado, nesse caso, efeito da pulsão de vida.

No entanto, esse mesmo sintoma pode ser relacionado ao corpo do transbordamento, quando da impossibilidade da conversão e, assim, da simbolização. Trata-se do sintoma corporal da doença somática, sendo o sintoma compreendido como uma descarga, como um excesso, como efeito do Real, não se organizando, portanto, pela lógica da representação (FERNANDES, 2003). Nesse caso, então, o corpo não está vinculado a um sistema significante, funcionando além da lógica do recalçamento: o corpo passa a funcionar como elemento que bordeia aquilo que é da ordem do impossível, do irrepresentável, do não simbolizável, e essa falta de inscrição produz efeitos que se podem observar no corpo. Esse trabalho só é possível em função do pressuposto da incompletude do sujeito, da impossibilidade de se reconhecer como efeito de um processo inconsciente (também determinado pelo ideológico).

A Psicanálise traz a possibilidade de a concepção de subjetividade, também engendrada pelo corpo, produzir efeitos no funcionamento discursivo, posto que a incompletude constitutiva da subjetividade ganha existência material de diferentes maneiras, e uma delas diz respeito ao retorno do inconsciente e do Real no próprio corpo. No entanto, tendo a Análise de Discurso como suporte teórico-analítico, não se pode desvincular esse processo dos efeitos da ideologia na subjetividade. O processo de interpelação ideológica pode interferir na forma como sujeito e corpo se constituem mutuamente, que também pode ser considerado a partir da semântica discursiva, ou seja, o trabalho simbólico sobre o corpo exige a produção de sentidos ancorados em uma relação de classe, política e ideológica. Nesse sentido, as tatuagens se inscrevem nos corpos dos sujeitos materializando essa contradição; os smartphones também fazem parte dessa inscrição, pois, sem os aplicativos nele instalados, a tatuagem de onda sonora não produz o efeito desejado. Temos, portanto, uma dupla inscrição de elementos externos, não naturais ao corpo humano, que passam a constituí-lo e a subjetivá-lo, simbolizá-lo, que passam a criar-lhe uma imagem, por processos advindos daquilo que não se pode conter, não se pode dizer, relacionado ao real do corpo.

Sendo assim, esse olhar do corpo pela Psicanálise tem consequências no funcionamento discursivo. Não se negligencia, na presente proposta de reflexão, o embasamento psicanalítico na concepção do sujeito do

discurso. Para chegar à problematização do funcionamento das tatuagens de ondas sonoras, vamos trabalhar algumas concepções de corpo presente no escopo teórico da Análise de Discurso, começando por Leandro-Ferreira (2011a, 2011b). Referência fundamental nos estudos sobre o corpo pela perspectiva discursiva, Leandro-Ferreira (2011a, p. 95 [grifos da autora]) lança a noção de “corpo discursivo” para o quadro teórico da AD, entendido como *“o corpo como materialidade discursiva que se constrói pelo discurso, se configura em torno de limites e se submete à irrupção da falta que lhe é constitutiva”*. A incompletude do sujeito e da língua também atinge o corpo, constituído, como discurso, pela relação entre ideologia e inconsciente.

Em outro texto, a autora atinge o corpo em relação com o arquivo, estendendo a compreensão de arquivo como lugar de observatório para “o corpo como lugar de visualização do sujeito e da cultura que o constitui. O corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro. O corpo que se expõe e que busca se tornar inescrutável, inapreensível” (LEANDRO-FERREIRA, 2011b, p. 177). É possível vincular essa afirmação de Leandro-Ferreira (2011b) à teorização feita por Orlandi (2012b). Esta autora, ao tratar sobre corpo e dança, concebe o corpo como materialidade do sujeito, não esquecendo da atuação da ideologia como determinante no processo de significação do corpo do sujeito, posto que a carne passa a ser corpo através de um processo de simbolização, o qual toma lugar ideologicamente.

Para Orlandi (2012b), os corpos são entendidos como formulações dos sujeitos, sendo necessária a relação entre sujeito, corpo, linguagem e sociedade para compreendê-los. Deve ser considerado que os corpos são atravessados de discursividade, sendo tanto o corpo da linguagem quanto o corpo do sujeito opacos, entendidos como “efeitos de sentidos constituídos pelo confronto simbólico com o político em um processo de memória que tem sua forma e funciona ideologicamente. O que redunde em dizer que, assim como as nossas palavras, nosso corpo já vem significado, antes mesmo que não o tenhamos, conscientemente, significado” (ORLANDI, 2012b, p. 25), e essa compreensão toca a dimensão imaginária.

Dessas considerações basilares sobre a concepção de corpo para a Análise de Discurso fazemos um deslocamento para a forma como a tatuagem corporal pode ser compreendida a partir dessa configuração. Orlandi (2006, p. 26) refere que “na ausência de laços que unem os sujeitos de forma menos impessoal, ele busca nos símbolos incrustados

em sua pele um vínculo que o ate ao “seu” mundo. Buscando assim pertencimento e sentido”. A tatuagem passa a estabelecer, segundo nossa compreensão, uma possibilidade de observação do sujeito, conforme Leandro-Ferreira (2011b), através daquilo que escolhe textualizar em seu próprio corpo, visível ao olhar do outro. Assim, chegamos a uma aproximação potente sobre a relação entre ideologia e inconsciente, diretamente afetada pelo funcionamento do esquecimento n° 2 ao tornar o corpo lugar de enunciação daquilo que “gostaria” de dizer, dos sentidos sobre si sobre os quais gostaria de, imaginariamente, ter controle. A pele se transforma no papel que textualiza o sujeito, colocando-o como objeto do olhar do outro.

No caso das tatuagens de ondas sonoras, não é somente o olhar que se volta para essa observação, mas, também, a escuta. O som é escutado com suas marcas (entonações, pausas, prolongamentos de vogais), as quais não podem se materializar somente através da inscrição de palavras grafadas na pele, convidando o outro a ver e a escutar o que está textualizado no corpo (no sujeito). Podemos relacionar essa reflexão com o pensamento de Souza (2010, p. 07) sobre as tatuagens. O autor diz que “usando as tatuagens como pontuações que visam o olhar do outro, empreendem um trabalho de construção de fronteiras, de cercas, que tanto protegem quanto aprisionam, nesse deslize constante do significante”. A construção do texto de si passa, portanto, pela inscrição das tatuagens no corpo, o que pode ser considerado como um processo tanto ideológico quanto inconsciente.

Souza (2010, p. 07 [grifos do autor]) apresenta ainda outros elementos importantes que estabelecem essa relação. Para o autor, o furo feito no simbólico a partir da tatuagem é dependente da relação com uma formação discursiva:

Se, de fato, as inscrições na pele fazem furo no simbólico, o fazem *na* e a partir *da* formação discursiva, que é a presença, no corpo, de uma certa escrita que anuncia uma certa formação ideológica, engajando língua e discurso, num conjunto mais ou menos regular de posições-sujeitos, de posições de classe, em conflito com outras corporeidades. Essa fonte de sentidos é definida a partir do Interdiscurso – vozes discursivas outras interferindo nos sentidos de um certo corpo, a partir de dentro de sua própria pele, penetrando-a; é a alteridade dentro do

mesmo corpo, tornando-o heterogêneo. Mas também faz furo pelo quanto de carne escapa do discursivo e a tatuagem pode bem ser um desses modos de tentar dar conta do real. *Escrever na pele*, insta a pensar no tatuado como proprietário do argumento e evidência do sentido de uma tatuagem; enquanto que foi evocada a *inscrição* como um acontecimento imbricado na escrita que fura a pele e constitui o subjetivo.

Com a explicação feita pelo autor, conseguimos atingir o ponto de interlocução entre imaginário, simbólico e real, entre inconsciente e ideologia. Desse modo, “a tatuagem se insere na cadeia discursiva dos sentidos, produzindo efeitos de memória que vão além de uma individualidade e se configuram como espaços de interpretação socialmente construídos” (BALDINI; SOUZA, 2012, p. 80), o que revela o caráter singular da interferência da tatuagem no processo de produção dos sentidos e das subjetividades, sendo um ato no nível simbólico que inscreve, no corpo, tanto uma dimensão política quanto uma dimensão da ordem da individuação do sujeito. Sobre esse ponto, Baldini e Souza (2012, p. 87) ainda dizem que “a tatuagem, como uma escrita de si na pele, faz furo nos modos de individuação do sujeito pelo poder, e, também, nos processos de identificação ideológica”.

ANÁLISES

Os elementos teóricos referentes ao estatuto do corpo na Análise de Discurso trazem considerações necessárias para se compreender o funcionamento da tatuagem de ondas sonoras. Vamos dedicar um espaço para explorar a origem desse tipo de tatuagem.

As chamadas *soundwave tattoos* (tatuagens de ondas sonoras) surgiram nos Estados Unidos recentemente, na segunda década dos anos 2000, inventadas pelo tatuador Nate Siggard, de Los Angeles. O aplicativo que funciona conjuntamente com a imagem do áudio se chama Skin Motion. Sendo assim, o tatuador, além de replicar na pele o áudio desejado pelo sujeito tatuado, precisou criar um aplicativo de celular para que a relação entre a imagem e o som pudesse ser executada.

O sujeito que deseja se tatuar deve acessar um site chamado <skinmotion.com> e realizar um cadastro. No cadastro, é necessário indicar qual será o áudio que será reproduzido no corpo: o aplicativo autoriza o envio de áudios de 10 MB de tamanho ou de 30 segundos

de duração. Depois de feito o upload do arquivo e de acontecer a sua aprovação pelos administradores da página, é possível gerar o arquivo da imagem que representa o som, um espectograma de som. Com essa imagem, o sujeito que deseja realizar a tatuagem procura o seu tatuador para que a inscrição na pele seja efetivada, em cor preta, no local do corpo onde se desejar. Depois de realizada a tatuagem, o sujeito tatuado precisa tirar uma foto da tatuagem e enviá-la para a página de cadastro. Após receber o e-mail de confirmação, a imagem está pronta para ser ouvida pelo aplicativo no celular.

No site oficial do aplicativo (<https://skinmotion.com/soundwave-tattoos>), as instruções referem que, para ter a tatuagem de onda sonora, é necessário cumprir com três passos: (1) Fazer sua onda sonora, realizando o upload de um arquivo de áudio para gerar a onda sonora em estêncil; (2) Fazer a tatuagem da onda sonora com artistas treinados na técnica, procurando um artista registrado; e (3) Comprar o aplicativo Skin Motion, disponível no Google Play, e ativá-lo. A compra do aplicativo é feita por 39,99 dólares durante o primeiro ano e 9,99 dólares para cada ano subsequente. A tatuagem, então, gera um custo anual para que possa produzir o seu efeito de reprodução do som tatuado. Em (01), observamos a imagem que representa o aplicativo.

(01) Imagem que representa o aplicativo Skin Motion - Inventors of Soundwave Tattoos, disponível no Google Play.

Imagem 01 - Logomarca do aplicativo¹



Conforme exposto no título do presente texto, a tatuagem de onda sonora revela um corpo que é possível de ser sonorizado: a partir

¹ Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.skinmotion.skinmotion&hl=pt_BR>. Acesso em 22 de julho de 2020.

da imagem inscrita na pele, com o trabalho de um aparelho celular, é possível escutar o que está representado imageticamente na pele. Para fins de exemplificação, apresentamos, em (02), uma imagem que representa uma tatuagem de onda sonora, cujo funcionamento acontece quando a câmera do celular é direcionada para a tatuagem, através do uso do aplicativo. Com isso, ao direcionar o celular para a imagem inscrita na pele, o smartphone emite o som que foi tatuado.

(02) Imagem que representa uma tatuagem de onda sonora:

Imagem 02 - Exemplo de soundwave tattoo (PAIVA, 2017).



É importante referir que o som tatuado jamais poderia ser reproduzido da forma exata sem o auxílio do aplicativo instalado no aparelho de celular, onde estão armazenados todos os sons que foram gravados para a obtenção da imagem que gerou a tatuagem. O celular possui um aplicativo nele instalado no qual está inserido o arquivo referente à música/ao som tatuado. Seria impossível, somente através da imagem do espectrograma, reproduzir a exata voz de quem diz o “eu te amo”: o que se tem é a vibração da onda sonora, mas elementos como tom de voz, por exemplo, não podem ser representados pela imagem. É por isso que o áudio tatuado precisa ser pré-gravado e instalado no aplicativo do celular. Em (03), é possível observar o funcionamento do aplicativo, o qual só pode operar se vinculado à imagem tatuada.

(03) Imagem que representa o funcionamento de uma tatuagem de onda sonora:

Imagem 03 - Funcionamento da soundwave tattoo².

A escuta do áudio tatuado é feita através do auxílio de um dispositivo externo, que acaba por complementar o corpo do sujeito para possibilitar a transformação de imagem em onda sonora. É, no nosso entendimento, um anexo do corpo, que acaba por complementar as funções do corpo humano. Assim, considerando o engajamento entre corpo, dispositivo, tatuagem e som para atender a uma necessidade do sujeito de se textualizar, de ser visto e escutado, de falar sobre isso através dessas inscrições, entendemos que toda essa complexidade envolvendo a forma como o discurso se materializa atinge a forma como o sujeito se subjetiva, em uma relação de incompletude entre a interpelação ideológica e o recalçamento inconsciente, chegando-se, portanto, à noção de real do corpo (LEANDRO-FERREIRA, 2011a).

Leandro-Ferreira (2011a, p. 98) diz que o real do corpo pode ser entendido como “aquilo que, resistindo à simbolização, instaura uma falta (falha) que o sujeito tenta inutilmente sanar através de um deslizamento incessante de significações (imaginárias)”. A tatuagem de onda sonora representa uma materialização daquilo que falta; ela trabalha justamente no deslizamento das significações. É uma imagem/som que substitui algo da ordem do inalcançável, correspondendo, pelo seu formato ancorado no uso do smartphone, a uma nova forma de compreender o funcionamento subjetivo, dependente dos “anexos” tecnológicos que o engendram na formação social atual. O capitalismo neoliberal impõe

² Disponível em: <<https://geekologie.com/2018/04/woman-demonstrates-her-scannable-soundwa.php>>. Acesso em 23 de julho de 2020.

essas novas formas de a determinação subjetiva que manifesta a falta ganhar corpo. Conforme Souza (2010, p. 07), “a tatuagem pode bem ser um desses modos de tentar dar conta do real”.

Essa costura de si no tecido da pele se posiciona no encontro daquilo que é da ordem do impossível, o real, com a necessidade imaginária de o sujeito se subjetivar pelo olhar do outro, ganhando acesso à cadeia de significantes que o permitem significar, se colocando à disposição do processo de interpelação ideológica. E, assim, concordamos com Orlandi (2006, p. 27), quando a autora diz que

o corpo se textualiza. Inscrição no corpo como anúncio/denúncia de que o confronto do simbólico com o político faz problema (reivindicação de si). Fora: várias camadas de publicidade, de pichações, de letras assinadas, nas diferentes superfícies (paredes, muros, ônibus, metrô, cartazes etc). Isso se representa como um trabalho do excesso, do sujeito no sujeito. Transbordamento de um excesso de linguagem o tempo todo visível sobre o sujeito, que passa à necessidade de um excesso de marcas visíveis em si mesmo.

Ao sujeito é impossível não significar, é impossível estar fora do jogo ideológico. As novas tecnologias permitem o atravessamento de novas formas de colocar o discurso em circulação, de permitir a emergência do singular no campo das significações. Pensando nisso, com as considerações estabelecidas acerca da relação entre corpo, discurso e subjetividade a partir da reflexão sobre as tatuagens de ondas sonoras, parece ser possível trazer a noção de corpolingüagem discursivo (VINHAS, 2014) para contribuir com a reflexão sobre o estatuto do corpo nos estudos da Análise de Discurso. A noção considera o sujeito da teoria enquanto afetado pela linguagem, pela história e pelo corpo, dando conta tanto das determinações sócio-histórico-ideológicas quanto da dimensão individual da subjetividade. A tatuagem parece ser uma materialidade que permite essa visualização do sujeito pela dupla articulação entre individual e social, entre inconsciente e ideológico, apontando para o funcionamento daquilo que não pode e não deve se tornar do âmbito do simbólico. Nessa incompletude, o sujeito se situa como sujeito em falta, constituído pela linguagem, pela história e pelo corpo, sendo passível de equívoco. As tatuagens de ondas sonoras encontram mais um elemento

material para dar conta da incompletude da subjetividade; o celular passa a fazer parte de um corpo incompleto, impossível de ser uma totalidade plena e avessa aos efeitos das determinações inconscientes e ideológicas. Nessa contradição impossível de ser contornada, os sentidos vão tomando corpo e, ao mesmo tempo, os não sentidos vão tentando se inscrever, sendo barrados pela barreira do impossível.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? *Outra travessia*, Florianópolis, n. 5, 2005.
- AZEVEDO, Aline Fernandes de. (Org.). **Sujeito, corpo, sentidos**. Curitiba: Appris, 2012, p. 69-88.
- BALDINI, L. J. S.; SOUZA, L. L. Os sentidos tomando corpo. In: AZEVEDO, Aline Fernandes de. (Org.). **Sujeito, corpo, sentidos**. Curitiba: Appris, 2012, p. 69-88.
- DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas: Pontes, 2018.
- FERNANDES, M. H. **Corpo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- LEANDRO-FERREIRA, M. C. O discurso do corpo. MITTMANN, Solange; SANSEVERINO, A. M. V. (Orgs.) **Trilhas de investigação: a pesquisa no I.L. em sua diversidade constitutiva**. Porto Alegre: Instituto de Letras / UFRGS, 2011a.
- LEANDRO-FERREIRA, M. C. Discurso, arquivo e corpo. In: MARIANI, Bethânia; MEDEIROS, V.; DELA-SILVA, S. (Orgs.) **Discurso, arquivo e...** Rio de Janeiro: 7Letras, 2011b.
- SOUZA, L. L. O discurso encarnado: ou a passagem da carne ao corpodiscurso. *Entremeios: revista de estudos do discurso*, v. 1, n. 1, jul./2010.
- ORLANDI, E. À flor da pele: indivíduo e sociedade. In: MARIANI, Bethânia Sampaio Correa. (Org.) **A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e em psicanálise**. São Carlos: Claraluz, 2006.
- ORLANDI, E. Uma tautologia ou um embuste semântico-discursivo: país rico é país sem pobreza. In: ORLANDI, Eni. **Discurso em análise**. Campinas: Pontes, 2012a, p. 129-142.
- ORLANDI, E. Processos de significação, corpo e sujeito. In: AZEVEDO, Aline Fernandes de. (Org.) **Sujeito, corpo, sentidos**. Curitiba: Appris, 2012b.
- PAIVA, Vi. Ouvir desenhos na pele? Sim, as tatuagens sonoras já são uma realidade. *Hypeness*, 2017. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2017/05/as-tatuagens-sonoras-ja-sao-uma-realidade/>>. Acesso em 22 de julho de 2020.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Péricles Cunha. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, p. 163-252.

VINHAS, L. I. Discurso, corpo e linguagem: processos de subjetivação no cárcere feminino. 2014. 303f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

Recebido em: 31/07/2020

Aceite: 27/10/2020